OS MUSEUS LOCAIS E O TURISMO CULTURAL

Jorge Torres

ANTROPÓLOGO | SABUGAL +, EM | CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Introdução

O turismo cultural tem sido apontado como uma das atividades que poderão contribuir para induzir processos de desenvolvimento em regiões deprimidas como a Beira Interior. Para uma política de turismo cultural, é indispensável contar com um conjunto diversificado de recursos locais, que, em conjunto, respondam a todas as possíveis solicitações dos visitantes. Vão incluir desde a componente das infraestruturas (como as estradas), ou serviços (restauração ou alojamento, por exemplo) até ao património (seja natural, construído ou cultural). Aqui, um dos elementos indispensáveis é o museu.

Uma primeira chamada de atenção é necessária: um museu pode ser muito importante como recurso turístico, mas não deve ser concebido tendo em atenção um potencial público de turistas, que até pode nunca aparecer. Será a própria qualidade do projeto e museografia do museu que o tornará relevante, podendo ser aproveitado pelo turismo.

Alguns Conceitos

Museu

Quando se fala de museus, todos temos uma ideia do que são. No entanto, a verdade é que as certezas que possuímos a esse respeito podem traduzir-se em visões totalmente opostas. Para muitos, não passam de espaços onde existe um conjunto de objetos que podem ser visitados pelo turista. A verdade é que para muitos decisores um museu não passa de um local onde se expõem uma peças e existe alguém para abrir e fechar a porta num horário definido. Uma visão extrema é a manifestada por um proprietário de TER da Costa da Morte galega a Xerardo Pereiro: “*um museu é um lugar para albergar turistas quando chove*” (Pereiro, 2009: 203). Pondo de lado o caráter anedótico desta opinião, o mais adequado é recorrer ao ICOM (Conselho Internacional dos

Museus), a mais respeitada entidade museológica mundial neste campo, que define assim o museu:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

Desta definição podemos realçar alguns aspetos, que penso serem essenciais para caracterizar estas instituições:

- sem fins lucrativos;
- aberto ao público;
- conserva, investiga [...], expõe património;
- fins de educação, estudo e deleite.

Deste modo, temos agora a informação que nos permite perceber que nem tudo o que se intitula «museu» é verdadeiramente um museu. Três exemplos: o *Museu do Pão*, em Seia, o *Museu das Descobertas*, em Belmonte e o *Museo del Jamón*, em Madrid. O primeiro é um estabelecimento comercial, que associa uma componente de animação cultural; o segundo é um Centro Interpretativo (aliás o seu nome completo é *Centro Interpretativo da Descoberta do Novo Mundo*) e o terceiro uma cadeia de lojas de sandes de presunto. Outros locais, de que aqui não se dão exemplos, são apenas coleções visitáveis – um conjunto de objetos a que o público pode ter acesso.

O primeiro aspeto que distingue um museu dum centro interpretativo é bastante nítido: o segundo não se baseia numa coleção. Usa outros meios e informações para ajudar o visitante a obter uma ideia clara sobre o tema abordado. Aqui, uma chamada de atenção é necessária: não se pode concluir que o que não é museu tem, apenas por isso, menor qualidade. Simplesmente, sendo coisas diferentes, cada uma deve ser chamada pelo seu nome. Um bom exemplo de espaço deste tipo é o *Centro de Interpretación de la Ruta de las Fortificaciones*, em Ciudad Rodrigo. Aqui, podemos encontrar, num pequeno espaço, maquetes, textos informativos documentados com fotografias, réplicas, trajes que podem ser usados para tirar fotografias com eles, etc. Associa, de uma forma adequada, a componente informativa com a lúdica. O visitante tem a possibilidade de sair do espaço com uma boa noção das fortificações da zona, adquirida de uma forma agradável. Para além disso, o

próprio edifício onde está instalado é significativo: *Cuerpo de Guardia del Registro y Cuerpo de Guardia de San Pelayo*.

Há também o caso da coleção visitável, frequentemente confundida com um museu. Um exemplo: em Martingança Gare (próximo da Marinha Grande) existe um *Museu Manel 70*. Trata-se de uma casa com um armazém anexo, cheios de objetos antigos, incluindo exemplares de rochas. Na prática, tem uma miscelânea de peças interessantes e outras sem interesse nenhum. Contou-me o proprietário que um restaurante próximo recomenda frequentemente aos seus clientes a visita ao «museu», mas alguns chegam lá e ficam profundamente irritados, dizendo que aquilo não é um museu e portanto consideram que foram enganados. Quanto muito, poderíamos chamar-lhe coleção visitável, embora mesmo esta deva ter alguma preocupação com a disposição das peças e a forma de visita.

Separadas as águas, podemos passar a outros dois pontos que me parecem importantes para os museus: o seu papel como intérprete / mediador do património e a noção de identidade.

Interpretação / Mediação

A noção de interpretação desenvolveu-se a partir dos Parques Nacionais do Estados Unidos e foi-se alargando a outro tipo de estruturas, sendo atualmente elemento indispensável do acolhimento ao visitante. Com o seu desenvolvimento, foram surgindo diferentes definições desta função. A do seu grande impulsionador (Tilden) é: “Uma atividade educativa que pretende revelar significados e inter-relações através do uso de objetos originais, por um contacto direto com o recurso ou por meios ilustrativos, não se limitando a dar uma mera informação dos factos” (Tilden, 1957).

Bob Peart é bastante mais lacónico e, de certa forma, pragmático: “É um processo de comunicação” (Bob Peart, 1984).

O elemento fundamental é a contribuição para facilitar, do ponto de vista do visitante, turista ou não, a compreensão do espaço que visita e a sua integração no respetivo enquadramento histórico, paisagístico ou cultural.

Identidade

A noção de identidade é um pouco da nossa linguagem comum. Tomos utilizamos o conceito, mesmo sem ser necessário o grande rigor de uma

definição. No fundo, é, nas palavras de Fátima Amante: “o entendimento que cada um tem de si próprio e dos grupos de que faz parte, e a representação que faz desse entendimento” (Amante, 2007:18).

De forma resumida, podemos dizer que é o conjunto de características que ajudam a distinguir uma pessoa ou entidade. Num museu, a afirmação da identidade pode ser feita usando peças únicas (ou raras) ou por um discurso museográfico inovador.

Acessibilidade

A acessibilidade dos museus é um último aspeto que é oportuno aqui referir. A existência de barreiras arquitetónicas, as resultantes do idioma da informação ou do tipo de linguagem usado podem constituir obstáculos insuperáveis à comunicação entre o museu e o seu visitante. Assim, é fundamental haver o máximo cuidado, de modo a tornar a visita uma experiência agradável.

Diferentes Tipos de Museus

Com estas noções na mão, apenas há que abordar mais um aspeto para depois podermos passar à realidade museológica da nossa região: é necessário fazer um apanhado dos diferentes tipos de museu com que poderemos deparar, o seu potencial em termos de interpretação e identidade, visto que se irão relacionar de forma diferente com as suas regiões de implantação.

Tendo em atenção o panorama atual, podemos considerar como os principais tipos de museu:

– *Museus locais generalistas*

tendem a representar acumulações de objetos fora de uso recolhidos na localidade. Frequentemente, nem sequer há separação entre a peça etnográfica, arqueológica ou apenas utensílio caído fora de uso. O antigo carimbo ou selo branco de uma Câmara é, de facto, um objeto único. No entanto, não se trata do tipo de artefacto que, só por si, afirma ou caracteriza uma identidade. Estes tendem a ser os museus menos atrativos, pela heterogeneidade incoerente das suas exposições.

– *Museu de Arte*

a relação que um Museu de Arte tem com o seu território pode ser feita em duas situações: dedicar-se à obra de um autor da terra, ou a sua coleção ter

sido reunida por uma personalidade local. Em geral, é o tema específico do museu que cria a sua própria identidade *per se* – ex. Museu Cargaleiro, em Castelo Branco. Temos que recordar aqui que, tendencialmente, o museu de arte acolhe peças únicas. Deste modo, não é habitual um museu deste tipo desempenhar um papel de interpretação do território em que está implantado.

– *Museus de Arte Sacra*

têm alguma semelhança com os anteriores, de que são, no fundo, uma versão especializada. Frequentemente, incluem uma componente mais local, como pendões, insígnias, imagens de uso tradicional em festividades locais, etc., o que cria um leque de opções para características diferenciadoras. No entanto, nunca poderão ultrapassar uma margem de manobra definida pelas próprias regras da hierarquia da Igreja católica.

– *Museus de Arqueologia e Etnografia*

os museus de arqueologia e os de etnografia tendem a apresentar peças recolhidas na sua área de influência. Aqui começam a surgir os problemas: uma boa parte das peças arqueológicas ou etnográficas que se encontram em todos os museus de uma região são iguais ou, pelo menos, muito idênticas. Com exceção de peças únicas – um foral, um miliário, uma inscrição, etc. – o que encontramos ao longo da Beira Interior é muito semelhante. Como é fácil de imaginar, desde os objetos pré-históricos, à *terra sigillata* romana, aos arados tradicionais, a história e relevo são suficientemente parecidos para justificar que, no fundo, encontremos as mesmas peças em diversos locais.

A questão dos museus etnográficos tem sido longamente debatida, quer nos meios museológicos, quer nos da Antropologia. As soluções apontadas são muito diversas. Apenas há um certo consenso quanto à necessidade de criar novas propostas, mais atrativas e viáveis. Duas das vias possíveis, de que há casos na nossa região, são a do Museu que, de certa forma, supera o constrangimento geográfico. Um excelente exemplo é o do Museu Etnográfico de Castilla-León, em Zamora. Outra das vias que têm sido exploradas é a criação de museus especializados em atividades económicas. Mais uma vez, temos exemplos na nossa zona: o Museu do Queijo, em Peraboa, Covilhã, ou o Museu do Azeite, em Belmonte. Claro que esta opção apenas funciona se não se cair no erro de todas as localidades fazerem o seu museu do azeite, da castanha, do queijo, etc.

Um aspeto muito importante que tem que ser aqui referido é o do papel social ou cultural que muitos destes museus desempenharam ou desempenham. Com a conquista da liberdade a 25 de abril de 1974, foram inúmeras as localidades em que as populações, num impulso de afirmação da sua identidade e autonomia, construíram os seus *museus*, como forma de preservar memórias ou objetos, de afirmação de valores tradicionais, de homenagem aos trabalhadores locais, de conservação ou construção de identidades. Sem negar a sua importância social, cultural, ou mesmo política, pode colocar-se a questão: em vez de museus, não poderiam ter denominações mais adequadas como *casa de cultura*, *centro de memórias*, etc.?

Alguns Aspetos de Museus da Beira Interior

Há que fazer uma primeira chamada de atenção: não são aqui considerados o Museu da Guarda e o do Côa. O primeiro é produto de uma época histórica e política museológica associada que fez com que fosse criado como Museu Regional, figura entretanto desaparecida. Não tendo havido nova política museológica que apresentasse soluções para estes museus, acabaram por ficar num certo limbo museológico, com coleções um pouco desequilibradas, por vezes pouco identificadoras de uma região e à mercê da concorrência e afirmação de novos museus locais, de iniciativa de autarquias ou outras entidades. O segundo é de iniciativa estatal e associado a um património de particular relevância. Para além disso, foi extremamente complexo o seu processo de criação. Se, neste momento, podemos considerar estabilizado o problema da sua gestão, continua por definir a estratégia de relacionamento com os restantes museus do vale do Côa, importante para a clareza do seu próprio papel.

Numa comunicação, em conjunto com Carla Augusto, apresentada ao V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal, em Vila Nova de Foz Côa (Augusto, Torres, 2012), apresentámos o quadro dos museus existentes na zona do Vale do Côa (página ao lado).

Logo então foi necessário esclarecer que apenas se mencionavam os museus referenciados nas páginas que as diferentes Câmaras Municipais tinham na Internet. Sabíamos da existência de diversos outros mas, sendo impossível elaborar, com razoável grau de certeza, uma lista completa, não os referíamos. Um primeiro aspeto que ressaltava da consulta às páginas camarárias era que

os museus se apresentavam umas vezes na secção *cultura* e outras na secção *turismo* (situação que ainda hoje se verifica). Outro aspeto era que muitos dos não referenciados tinham carácter etnográfico ou eram museus locais genéricos, propriedade de entidades que não o Município. Como exemplos: os de Aldeia da Ponte e Vilar Maior (Sabugal), Peva (Almeida), Carvalho da Atalaia (Pinhel) ou Vilar de Amargo (Figueira de Castelo Rodrigo).

Quadro 1

Concelho	Museu	Localização	Conteúdos
Almeida	Museu Histórico-Militar	Almeida	▼
	Museu do Tempo e dos Sentidos	Castelo Mendo	☼ – ☒
Figueira Castelo Rodrigo	Casa da Freguesia de Escalhão	Escalhão	☒
Freixo de Espada à Cinta	Museu do Território	Freixo de Espada à Cinta	☒
Mêda	Museu Municipal	Mêda	☼ – ☒
Mogadouro	Sala Museu de Arqueologia	Mogadouro	☼
Pinhel	Museu Municipal	Pinhel	◊
Sabugal	Museu do Sabugal	Sabugal	☼
Torre de Moncorvo	Museu do Ferro e da Região de Moncorvo	Torre de Moncorvo	☼
Vila Nova de Foz Côa	Museu da Casa Grande	Freixo de Numão	☼ – ☒

Tipos de colecção presentes:

☼ – arqueológica; ◊ – arte sacra; ☒ – etnográfica; ▼ – militar

Passando agora a uns breves comentários sobre alguns museus locais na nossa região, podemos referir alguns dos seus aspetos mais significativos:

Museu do Sabugal

É muito clara a preocupação de aproximar o visitante ao território, com mapas, fotografias ou a identificação sistemática de locais. Mesmo no caso de visitas individuais, o turista consegue recolher uma informação importante, em termos do conhecimento do concelho. Isto é obtido pela existência, no início de cada um dos períodos cronológicos em que a exposição se encontra dividida, de uma pilastra que inclui um mapa do concelho com todos os locais arqueológicos desse período, um pequeno texto sobre a época e fotografias de locais ou objetos que não estão na coleção do museu. Temos, deste modo, um bom trabalho de interpretação. Por outro lado, a sua coleção

tem peças essenciais para aquela afirmação de identidade atrás referida: este-las proto-históricas; pedra de armas da Irmandade do Sabugal (ou de Ribacôa); foral manuelino; garrafa das Águas Radium. No entanto, o visitante isolado não encontra qualquer destaque na legendagem ou informação adicional disponível.

Trata-se de um museu que, essencialmente, apenas precisa de apostar na afirmação da identidade da sua coleção.

Museu de Aldeia da Ponte

Junta peças etnográficas com peças arqueológicas e outras *antigas*. A heterogeneidade da sua coleção retira-lhe significado. Uma aposta na componente etnográfica poderia ser vantajosa. O espaço é muito limitado, mas talvez se conseguisse aperfeiçoar a exposição, não esquecendo a componente de interpretação.

Museu do Tempo e dos Sentidos (Castelo Mendo)

É um péssimo exemplo de museu. Tem uma coleção, de facto, mas extremamente degradada, sem legendagem adequada e sem qualquer coerência. É daquelas coleções perfeitamente incapazes de se constituir como espólio para um museu. Possivelmente, poderá aproximar-se daquela realidade atrás referida, com uma muito melhor valorização se integrada numa estrutura diferente – centro cultural ou outro.

Museu Militar (Almeida)

Embora o seu tema seja coerente, de história militar, a verdade é que mistura peças originais com réplicas, nem sempre muito claramente distinguidas. Assim, torna-se pouco fácil para o visitante identificar o espaço como museu ou centro interpretativo. Para além disso, há alguns aspetos problemáticos em termos de discurso museográfico.

Museu de Artes e Ofícios (Escalhão)

Revela uma preocupação com a associação de objetos a espaços domésticos ou a atividades tradicionais. Através de algumas fotografias, estabelece-se uma certa ligação com as práticas artesanais ou agrícolas a que os objetos estão associados. No entanto, a grande acumulação de peças em certas zonas expositivas

acaba por dificultar o discurso museológico e aproximar o espaço do conceito de coleção visitável.

Museu Municipal (Mêda)

É daqueles espaços em que se reúne tudo o que é *antigo*, desde a peça arqueológica a uma bicicleta com alguns anos, objetos de uso camarário, etc. Não tem qualquer coerência global, nem discurso museológico. Trata-se de um espaço com um muito reduzido interesse para quem não seja um curioso de gosto eclético.

Museu Municipal (Pinhel)

Apenas está visitável a coleção de Arte Sacra, o que ajuda à coerência do espólio. Apresenta alguns objetos associados a práticas religiosas tradicionais do concelho. O facto de apenas estar parcialmente disponível, dificulta uma análise muito detalhada.

Museu da Casa Grande de Freixo de Numão

Na sua exposição, encontramos algumas peças arqueológicas juntamente com outras atuais, um pouco à maneira dos primeiros tempos do que é hoje o *Museu Nacional de Arqueologia*. Embora não seja explicitamente essa a intenção, acaba por se estabelecer um certo paralelismo entre as tecnologias da Antiguidade e dos dias de hoje.

Balço e Algumas Pistas

Em resumo, existem museus com um bom potencial, a par de outros que podemos duvidar muito que possam ter qualquer viabilidade. A solução para o conjunto destas estruturas é uma aposta na diversificação, criando um mosaico que adquiere por esta via a sua verdadeira riqueza.

Alguns museus existentes podem servir de exemplo ou ponto de partida para a conceção de museus locais:

Museu de sítio – Museu de Ervamoira

No fundo, um pouco de história, de arqueologia e de etnografia, mas enquadrando no contexto territorial, pois está centrado no espaço da Quinta e dos seus vestígios arqueológicos.

Museu de atividade económica – Museu do Azeite (Belmonte), Museu de Tecelagem (Meios) ou Museu do Queijo (Peraboa).

Qualquer um destes três casos pode constituir bom exemplo de espaço dedicado a uma atividade de relevo na localidade ou zona em que se integra. Nem todos fazem uma apresentação suficientemente completa dos processos de fabrico, mas não será difícil dar esse pequeno passo.

Casa-Museu – Casa Museo Sátor Juanela (La Alberca)

Não há na região muitas casas-museu, pelo que se aponta este caso. No entanto, há diversos aspetos que, em relação a esta casa-museu em particular, merecem reflexão: está bem organizada a ocupação dos espaços, sem acumulação exagerada de peças, o que é um aspeto positivo. Por outro lado, sendo explorada pelo seu proprietário, este facto pode abrir o caminho para erros. O espaço de venda de produtos é disso exemplo: apresenta um carácter muito heterogéneo, misturando produtos realmente artesanais com outros de tipo industrial, nem sempre corretamente identificados.

Centro Interpretativo – Centro Interpretativo da Descoberta do Novo Mundo

Situado em Belmonte, terra natal de Pedro Álvares Cabral, divulga um tema que tem alguma ligação com a terra e, no seu átrio, apresenta algumas peças e fotografias de locais patrimoniais do concelho. No entanto, incorre num erro, que é perfeitamente desnecessário: a utilização do termo «museu» em muita da sua divulgação.

Conclusão

Alguns dos atuais museus locais da região da Beira Interior têm condições para desempenhar um papel interessante como elementos de uma estratégia de política de promoção do turismo cultural. No entanto, há um conjunto de condições gerais que, para esse efeito, todos deveriam seguir:

- apostar na autenticidade;
- reforçar o papel de interpretação do território circundante;
- melhorar a clareza do discurso museográfico;
- usar linguagem clara nas legendas e em vários idiomas;
- estar abertos com horário definido;

- assegurar a acessibilidade;
 - eventualmente, estar associados a Postos de Turismo;
 - possuir material de promoção impresso, mesmo que modesto, desde que com qualidade gráfica e de conteúdo e com elementos de linha gráfica comum;
 - não se repetirem temas em locais próximos, optando-se por um mosaico de temas diferenciados;
 - trabalhar em colaboração, criando uma plataforma de cooperação (que pode perfeitamente ser uma estrutura informal, fácil de gerir);
 - haver troca de informação, dispondo cada museu de dados sobre os restantes;
 - 1 museu = 1 museólogo. Por muito que isso custe a quem se dedica de alma e coração ao «seu» museu, a verdade é que é fundamental dotá-los de pessoal qualificado, pois só assim se conseguem garantir os melhores resultados.
- Outro aspeto que poderia ajudar a afirmar a ligação entre os museus seria a circulação de exposições, seja resultantes de projetos próprios, seja exteriores percorrendo os diversos espaços.

Referências Bibliográficas

- AMANTE, Maria de Fátima
2007, *Fronteira e identidade. Construção e representação identitárias na raia luso-espanhola*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- AUGUSTO, Carla; TORRES, Jorge
2012, O Museu do Sabugal e o seu papel na dinâmica cultural do Vale do Côa. In RODRIGUES, M. A.; LIMA, A. C.; SANTOS, A. T. (coords.) – *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal*, Porto: DRCN, p. 507-518.
- 2007, *Carta Internacional do Turismo Cultural. Gestão do Turismo nos Sítios com Significado Patrimonial*. [Adotada pelo ICOMOS na 12.^a Assembleia Geral no México, em Outubro de 1999]. ICOMOS.
- MORALES MIRANDA, Jorge
2001, *Guía Práctica para la Interpretación del Patrimonio. El arte de acercar el legado natural y cultural al público visitante*. Sevilha: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura: Empresa Pública de Gestión de Programas Culturales.
- PEREIRO PÉREZ, Xerardo
2009, *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*. El Sauzal: ACA e PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural..

TORRES, Jorge

2012, *Rede de Museus do Sabugal. Memória, história e identidade de um concelho raiano*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [Dissertação de Mestrado em Museologia].